

Grafia Drag: território de teorização e produção de conhecimentos *queer*¹

Patrick Sutil do NASCIMENTO²

Nísia Martins do ROSÁRIO³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a forma de produção do conhecimento teórico resultante dos materiais elaborados a partir do blog Grafia Drag. Para isso, buscou-se estabelecer relações sobre a teorização a partir de hooks (2017) e Evaristo (2020), tendo sido necessário um levantamento teórico sobre gênero e sexualidade, a partir de Preciado (2011, 2022), para dialogar sobre o processo de monstrialização das dissidências. Por fim, o blog Grafia Drag é apresentado, para além de uma prática de comunicação institucional, como uma forma de resistência da multidão *queer* que desafia epistemologias dominantes da produção científica.

Palavras-chave

Teorização; Gênero e sexualidade; Drag queens; Comunicação institucional.

Refletindo sobre uma teorização a partir de vivências

Conceição Evaristo, escritora brasileira, é conhecida por ter cunhado o conceito de *escrevivência*. Por sua vez, ele está diretamente ligado a um sentido de cura social através da escrita realizada por sujeitos de interseccionalidade das dissidentes sociais – neste caso, das mulheres pretas. Ressoando sua voz, a linguista aponta:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (Evaristo, 2020, p. 30).

¹Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação Intercultural, Interseccionalidade e Governança, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

²Mestrando em Comunicação (PPGCOM/UFRGS). Bolsista Capes. Bacharel em Publicidade & Propaganda e Relações Públicas (UFRGS). Pesquisador membro do Núcleo Corporalidades do Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC/UFRGS). E-mail: sutilpatrick@outlook.com.

³Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFRGS). Doutora em Comunicação Social (PUC/RS). Coordenadora do diretório de pesquisa Grupo de Pesquisa Semiótica e Cultura da Comunicação (GPESC/UFRGS). E-mail: nisiamartins@gmail.com.

bell hooks (2017) também defende o pensamento de uma teoria que faça sentido para o cotidiano das pessoas, que as acolha em suas vivências e funcione como pulsão para compreender a respeito de dores que acometem o tecido social. Conforme a autora, quando a experiência vivida da teorização está entrelaçada a certos processos de auto recuperação e de liberdade coletiva, não existem brechas entre teoria e prática, sendo conformato assim um elo entre ambas, o qual uma capacita a outra.

A partir do que foi apresentado, buscamos aproximar as ideias de Evaristo (2020) e hooks (2017) ao trabalho realizado pelo blog Grafia Drag (GD). Para isso, selecionamos duas publicações de artistas que compõem o coletivo. Como critério de seleção das publicações, utilizamos o recorte da interseccionalidade de dissidências, sendo as autoras uma mulher cisgênera LGBTQIAPN+ e uma travesti. A partir da análise que busca refletir sobre a produção de conhecimento teórico *queer*, inferimos que o GD também se configura como prática de comunicação institucional.

Grafia Drag: um blog cultural sobre territorialidades drag e transformista

O GD é um blog cultural que publica ensaios e entrevistas sobre as cenas drag e transformista, criado como projeto de extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como proposta, o coletivo de pesquisadores responsáveis, em parceria com drags e transformistas, nacionais e internacionais, promovem a produção de memória e conhecimento de territorialidades drag em paralelo à teoria científica. Preciado (2011, p. 18) afirma que “essas diferenças [das dissidências] não são ‘representáveis’ porque são ‘monstruosas’ e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos ‘normais’”, representando uma oposição às epistemologias dominantes da produção científica. Os materiais publicados no GD partem de pesquisas em curso relacionadas à prática drag, sobretudo, a partir das escritas das vivências das/dos artistas que colaboram com o coletivo. Nesse sentido, o GD também se conforma em uma prática de comunicação institucional, uma vez que essa pode ser entendida como o “conjunto de procedimentos destinados a difundir informações de interesse público sobre as filosofias, as políticas, as práticas e os objetivos das organizações, de modo a tornar compreensíveis essas propostas” (Fonseca apud. Kunsch, 2003, p. 164).

Buscando promover tal discussão a partir de dois ensaios escritos por artistas drag que participam do coletivo, apresentamos primeiramente o texto “Seres grotescos: corpo, drag e arte⁴”, de Tiffany Piazza. Nessa produção, a artista discute sobre sua percepção acerca do gênero feminino ser associado ao grotesco. Piazza, como uma mulher cisgênera e *queer* que desempenha arte drag, faz uso do espaço ofertado no GD para problematizar opressões de gênero, sobretudo no que diz respeito às mulheres. Nesse caminho, a drag acaba refletindo sobre o processo de ser rotulada como grotesca através do prisma misógino da cultura. Acaba revelando que o demarcador social “grotesco”, utilizado para diferenciá-la da normalidade e a condicionando em um local subalterno em relação à dominância masculina, é exatamente o que ela utiliza para reverter as relações de poder, tomando para si o título da monstruosidade como algo grandioso. Nas próprias palavras de Tiffany Piazza,

[...] enxergo o grotesco como uma forma de expressão contra tudo que me foi imposto e negado, durante minha vida como uma mulher LGBT e como artista. Cada vez mais, sinto que minha confiança e meus superpoderes de drag são libertados quando assumo minha forma grotesca [...] (PLAZZA, Tiffany. Seres grotescos: corpo, drag e arte. *Grafia Drag*, Porto Alegre, 11 jun. 2024).

Ao caminho do debate promovido por Piazza, temos as contribuições de Ptera Dactyla no ensaio “Arte drag: florescer nas fissuras⁵”. A artista, que se identifica enquanto travesti, utiliza a plataforma do GD para contestar o sistema binário de gênero e aponta o modo que coloca seu próprio corpo como uma ferramenta de transgressão às normas da cisheternormatividade⁶. Sobre tal, Preciado (2022) propõe que vivemos no regime da diferença sexual, o qual diz respeito a um sistema sexista que estabelece os limites e regras para definir gêneros e sexualidades, impondo o espectro cis-binarista de gêneros e a heterossexualidade compulsória como regra. Assim, o que tensiona o rompimento das normas do regime da diferença sexual é lido socialmente como uma forma de monstruosidade. Ao relatar seu percurso até ser iniciada à arte drag, o ensaio de Dactyla não apenas serve para tensionar questões de gênero, como também acaba se tornando um registro memorial de uma vida *queer*. Seu relato configura-se em um manifesto pessoal acerca da potência artística drag que, conforme ela, salvou a sua vida. A ideia expressa pode ser lida no excerto abaixo:

⁴PLAZZA, Tiffany. Seres grotescos: corpo, drag e arte. **Grafia Drag**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/grafiadrag/seres-grotescos-corpo-drag-arte/>. Acesso em 10 de abr. de 2026.

⁵DACTYLA, Ptera. Arte drag: florescer nas fissuras. **Grafia Drag**, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/grafiadrag/arte-drag-florescer-nas-fissuras/>. Acesso em 10 de abr. de 2026.

⁶ Heteronormatividade diz respeito ao modelo de regras compulsórias sociais de atribuição a normalidade ao espectro heterossexual e cisgênero, gerando opressões a pessoas trans e de sexualidades divergentes.

Certo dia, nasce Ptera Dactyla como um respiro de alívio. Consegui definir o que era uma expressão artística e o que era uma expressão do meu eu. Colocar um vestido ou fazer um delineado não era sobre drag, e sim sobre a expressão de gênero que eu desejava ter. Assim, separei a Fro [seu nome social], uma travesti não-binária que apenas deseja viver sua vida como qualquer outra pessoa, da Ptera Dactyla [...] Drag me salvou e me salva diariamente, pelas relações que formei, pelas que fortaleci e pelo fato de ter aberto meus olhos para ver quem eu realmente era e o que eu queria expressar (DACTYLA, Ptera. Arte drag: florescer nas fissuras. Grafia Drag, Porto Alegre, 24 jun. 2025).

Através dos ensaios descritos aqui, observamos que, assim como as mulheres pretas que utilizam a escrevivência como forma de *hackear* o sistema, encontrando no lugar da escrita de suas experiências vividas uma resistência política, o GD se configura como prática de comunicação institucional, não apenas difundindo valores organizacionais, como também tensionando as relações sociais de poder, dando voz para minorizados políticos – as drag queens e transformistas. Ao caminho disso, sobre essas produções acerca de suas vivências pessoais, entendemos que “hoje, os corpos outrora monstruosos produzidos pelo regime patriarco-colonial da diferença sexual, falam e produzem conhecimento sobre si mesmos” (Preciado, 2022, p. 326).

Sendo assim, o GD representa um canal comunicacional que transforma teorização em um processo de autocura coletiva (hooks, 2017), ao passo em que as/os redatoras/es partem da experiência de suas próprias dores para elaborar os ensaios, buscando conformar o blog em uma comunidade que se enxerga e reivindica suas próprias demandas, denunciando opressões sofridas e ofertando acolhimento, levando em consideração o processo de monstrualização pelo qual esses agentes passam, devido suas dissidências de gênero e sexualidade, expressas também através da performatividade artística drag.

Considerações finais

À luz do pensamento de hooks (2017) e de Evaristo (2020), buscamos tecer reflexões sobre a produção de conhecimento acerca da cultura drag a partir do blog Grafia Drag. Tendo como ponto de partida o modo como as autoras constroem e defendem a teorização, aproximamos tais ideias à construção de dois ensaios realizados neste espaço. Traçando similaridades entre a prática realizada no GD e o conceito de escrevivência, tomamos nota de que as drag queens e transformistas configuram um grupo político minorizado socialmente,

passando pelo processo de monstrualização (Preciado, 2022). Dessa forma, percebemos que drag queens estão num jogo desigual nas relações de poderes sociais, as quais impedem que suas histórias e vozes sejam legitimadas.

Em vista disso, percebemos que a produção de conhecimento acerca da cultura drag e transformista realizado pelo GD, assim como na escrevivência, parte da vivência dessas artistas para, assim, realizarem a teorização. O que está sendo evidenciado nas publicações do blog são excertos das próprias vidas dessas pessoas, seus anseios e suas dores, suas denúncias às opressões que sofrem e seu cotidiano enquanto artistas monstrualizados. Ao caminho disso, o blog acaba concedendo certo grau de legitimidade a todo e qualquer texto que faça parte desse acervo ao ser um projeto vinculado à academia, representando uma fonte disruptiva de produção teórica sobre o campo drag e transformista. Com isso, não apenas acreditamos ser possível pensar na escrevivência como uma inspiração deste modelo de produção, como também torna-se um exemplo de como a multidão *queer* (Preciado, 2011) representa uma oposição às epistemologias dominantes da produção científica. Por fim, também consideramos que o blog seja considerado uma prática de comunicação institucional, aliado aos princípios da extensão universitária ao promover a articulação do conhecimento científico às transformações da realidade social, desenvolvendo ações específicas que auxiliam que as filosofias, as políticas, as práticas e os objetivos da UFRGS enquanto organização sejam compreendidas aos demais públicos.

Referências

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 4. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Summus, 2003.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan.-abr. 2011.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Trad. de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.